

MARCO TÚLIO TIRO

Tiro, filho de uma escrava romana, nasce em Arpino, na propriedade do cavaleiro romano Marco Túlio Cícero, pai do grande orador.

Certamente Tiro deve ter demonstrado, desde sua infância, uma inteligência invulgar, de modo que, ao invés de ser colocado entre os escravos comuns, acharam por bem educá-lo de modo especial, talvez com a intenção de torná-lo um escravo leitor (*anagnostes*, escravo cuja função era ler para os romanos ricos, durante as refeições), ou talvez um amanuense (*servus ab epistolis*, espécie de secretário).

Muito se especulou sobre o método de estudo que foi usado por Tiro. Segundo Mario Canale, (*La Stenografia Risorta Ad Arte Romana*), “*parece certo que, querendo dar uma educação a este escravo, os patrões o tenham posto sob os cuidados de um “phonascus”, sendo muito provável que ele, sendo quase coetâneo dos filhos de seu patrão, tenha participado das lições que eram ministradas a eles*”. Um “phonascus” era o “que ensinava a moderar a voz, o mestre da pronúncia, mestre de canto e declamação”.

Há alguns estudiosos que admitem a hipótese avançada de que Tiro tenha sido aluno de Cícero. Baseiam-se em dois trechos. O primeiro, de Aulo Gélcio (*Noctes Atticae*): “*Tullius Tiro M. Ciceronis alumnus et libertus, adiutorque in litteris studiorum eius fuit*”. (“Túlio Tiro, aluno e liberto de Cícero...”) O segundo trecho refere-se a uma carta de 6 de novembro de 50, de Cícero a Tiro, que diz: “*Tu, si nos omnes amas, et praecipue me, magistrum tuum, confirma me*” (Peço-te tranquilizar-me, pelo amor que tu dedicas a todos nós, e especialmente a mim, teu mestre.).

Os dois trechos, no entanto, não são uma prova cabal de que Tiro tenha estudado sob a direção de Cícero, mas denota apenas que Cícero o tenha conduzido aos estudos maiores. Até o Paul Gottfried Mitzschke (*Quaestiones Tironianae*, Berlin, 1875) é desta opinião. De fato, ele diz:

“Ele (Tiro) começou os seus estudos sob a direção de um pedagogo ou “phonascus”, mas tendo o velho Cícero findado longa permanência em Roma, por volta do ano 96, com dois filhos, Marco e Quinto, é provável que Tiro os acompanhasse e assistisse às lições que o orador Crasso, o poeta Árquias e outros davam aos seus jovens patrões. O que é certo é que Tiro foi educado junto com seu futuro patrão, neste momento ainda muito jovem.”

Transferindo-se, então, de Arpino para Roma, Tiro continuou os estudos. E o seu talento, junto com seu ótimo caráter, fizeram, sim, que logo, mais do que escravo, se tornasse o amigo dos Cíceros e, de modo particular, de Marco Túlio.

O afeto entre os dois homens foi realmente grande, fraterno. Cícero, nas suas cartas, não hesita em chamá-lo de “suus” (seu), ou seja, usando o mesmo termo empregado por ele unicamente para a mulher e para a filha.

De 79 a 77, Cícero faz uma viagem de estudo na Grécia e na Ásia, e é provável que Tiro o tenha acompanhado. Em 68 morre o pai de Cícero e este se torna, assim, o senhor legal de Tiro, fato este que contribuiu para reforçar ainda mais a amizade existente entre os dois homens.

Com muita probabilidade, foi nessa época que Tiro começou os seus estudos para a criação de um sistema de escrita abreviada, que permitisse registrar as palavras dos oradores – criação esta que seria uma grande ajuda a Cícero, seja na vida profissional, seja na vida pública.

E em 63 a.C. temos, então, a primeira tomada estenográfica oficial, da qual fala Plutarco.

Em 54, Cícero dá a liberdade a Tiro e, segundo o costume romano, este, por gratidão ao libertador, assume o seu nome, mantendo o próprio nome como sobrenome.

Pela metade do ano 51, na condição de procônsul, Cícero foi para a Sicília, e Tiro foi com ele.

“Tanto trabalhou (Tiro) durante o governo da Sicília, (diz Gaston Boissier, em *Cicerone e i suoi amici*), que Cícero foi obrigado, em seu retorno a Roma, a deixá-lo em Patras, aos cuidados do médico Asclapo. Cícero continuou, então, a viagem para Roma.

Das cartas que Cícero enviou a Tiro, durante a sua recuperação em Patras, podem-se ver claramente os profundos sentimentos que ligavam o grande orador ao seu fiel liberto. Durante todo o tempo em que Tiro ficou em Patras, doente, Cícero escreveu-lhe duas e até três cartas por dia.

Este hábito de escrever mais de uma carta por dia a alguém não era algo fora do comum. Até Ático freqüentemente recebia duas ou três cartas por dia de Cícero. Era um hábito intimamente ligado à vida daquele tempo. A carta não tinha só a finalidade de dar notícias de cunho pessoal a alguém, mas também a de dar notícias dos acontecimentos políticos, das próprias idéias, e, em geral, contar tudo que acontecia em Roma a pessoas que estavam distante. Hoje, para nos informar, temos os jornais, os rádios, a televisão, mas naquela época, a carta era o único meio para alguém ficar ao corrente dos acontecimentos políticos e privados.

O hábito de escrever várias cartas por dia para uma mesma pessoa pode ser comparado ao hábito que se tem, hoje em dia, de enviar vários e-mails por dia para a mesma pessoa.

Era arraigado o costume de escrever várias cartas por dia, pelo que podemos depreender deste trecho de Cícero em uma de suas cartas a Tiro: “*Acrescentarei às duas cartas que hoje te escrevo, esta terceira, mais para conservar o costume usado do que porque tivesse algum assunto para te escrever.*”

Em outra carta, Cícero escreve, ainda: “*Não permita que ninguém venha à Itália sem duas cartas, da mesma forma que eu te escrevo, aproveitando todos os mensageiros que vão a Patras.*”

A consideração de Cícero por Tiro revela-se em todas as suas cartas. Assim, em uma dessas, ele diz a Tiro: “*Os meus estudos, ou melhor, os nossos estudos, tornaram-se infrutíferos, devido à tua ausência. Pompeio, aqui presente me pede docemente que eu lhe mostre alguma composição: e eu lhe respondo que a minha inspiração está seca, porque tu não estás aqui.*”

É esta a demonstração mais palpável do que devia ser o trabalho de Tiro. Ele era, certamente, mais do que o secretário de escrita veloz, o conselheiro digno de confiança que ajudava a Cícero no próprio trabalho. E o prova ainda mais as palavras de Cícero contidas em uma outra carta: “*Mas sabes do que eu me maravilho? Que tu, que costumeiramente corrige os meus escritos, tenhas deixado escapar da tua pena semelhante modo de dizer...*”

Portanto, como está manifestamente demonstrado nas cartas de Cícero, Tiro não é o escravo que soube fazer-se querido pelo patrão, a ponto de tornar-se a pessoa de confiança, mas antes o estudioso que soube fazer-se apreciar por um homem de indiscutível valor, que foi Cícero, a ponto de tornar-se um elemento indispensável na sua vida.

Superada a doença, que o havia obrigado a permanecer em Patras, Tiro juntou-se novamente a Cícero, e ambos se deslocam para a Grécia, devendo Cícero seguir Pompeu. Na Grécia, eles permanecem até o ano 47 a. C.

Em 46, sabemos que Tiro foi enviado por Cícero para encontrar, em Tuscolana, seu genro Dolabela, que retornava com César vitorioso da guerra africana.

Pouco tempo depois Tiro cai novamente doente e é confiado, por Cícero, aos cuidados do médico Metrodoro.

Convalescente, Tiro se dirige à casa de campo Tuscolana, de Cícero, onde, entre outras coisas, reordena a biblioteca. E teria compilado o catálogo, se isto não tivesse sido proibido por Cícero. *“Arrume os livros em perfeita ordem – diz uma de suas cartas – o inventário tu farás quando Metrodoro consentir. Porque se desejas viver segundo o seu conselho...”*

Ao que parece, Tiro dedicou os momentos de ócio a compor uma tragédia ou a traduzir para o latim uma de Sófocles.

Em maio de 45, Tiro restabelece-se, tanto que ele fica por um dia fora da casa de campo, para assistir a um combate entre gladiadores, e isto foi causa de severas repreensões da parte de Cícero.

Em 17 de maio de 45, Cícero vai à casa de campo para encontrar Tiro, que já estava tão restabelecido, a ponto de poder pegar taquigraficamente a correspondência de Cícero e em seguida traduzi-la.

Depois da morte de Cícero, Tiro dedicou o seu tempo aos estudos e a perpetuar a memória do seu mestre e amigo. De fato, ele juntou todas as obras de Cícero, comentou-as e publicou-as. Entre estas, as cartas de Cícero que ele reuniu e uma coleção de breves composições poéticas em três volumes. Escreveu uma biografia de Cícero, em quatro volumes. Também escreveu vários livros sobre o uso da língua latina e uma grande obra de caráter enciclopédico, intitulada “Questões Várias”, ou “Pandectas”. Muito provavelmente foi nesta obra que ele deve ter falado sobre o seu sistema de Notas taquigráficas.

Diz Isidoro Carini, em *La pubblicazione de' libri nell'antichità*, a propósito de Tiro: *“O servo pagou o afeto com uma devoção constante e ilimitada. Apesar da saúde fraca, viveu mais de cem anos, e pode dizer-se que uma vida tão longa foi toda vivida a serviço do seu senhor. Finalmente, incumbiu-se de produzir excelentes edições das Orações, muito consultadas no tempo de Aulo Gélcio.”*

É mesmo desagradável saber que nenhuma das obras de Tiro tenha chegado até nós, pois com elas poderíamos melhor compreender toda a agudeza do seu engenho, toda a amplitude da sua criatividade.

A figura de Tiro é verdadeiramente grande. Albert Navarre (que publicou em Paris, em 1909, a “Histoire générale de la Sténographie”), por ocasião de uma esplêndida conferência sobre o bimilenário das Notas Tironianas, assim se expressa a respeito de Tiro:

“...ce bimillénaire destiné à glorifier l'invention d'un humble fils de la terre latine aujourd'hui plus célèbre que nombreux proconsuls de la Rome antique”.(...este bimilenário destinado a glorificar a invenção de um humilde filho da terra latina, hoje mais célebre do que numerosos procônsules da Roma antiga.)

Do Iº ao VIIIº século, o nome de Tiro é citado freqüentemente por muitos escritores de renome, não só como o inventor das Notas taquigráficas, o historiador de Cícero e o colecionador das suas obras, mas também como um filósofo e gramático de indubitável fama.

Plutarco, que teve certamente a possibilidade de ler as obras de Tiro, citou numerosos epigramas que, com toda probabilidade, devem ter sido tirados da coletânea

publicada por Tiro. Tiro é frequentemente citado por Plutarco como uma fonte de indiscutível seriedade e exatidão. Plutarco, narrando a morte de Cícero, alude à história da sua vida, escrita por Tiro, e a esta se refere ainda em outras passagens.



Marco Fábio Quintiliano

Também Quintiliano, renomado escritor e professor de Retórica na Roma Antiga, nas suas “Instituições Oratórias”, fala em Tiro, louvando-o pelo que ele fez em favor das obras de Cícero, a fim de que não fossem perdidas.

Mas quem mais faz referência a Tiro e suas obras é Aulo Gélíio, escritor erudito, crítico literário e gramático latino. No Capítulo IX do Livro XIII das suas “Noites Áticas”, ele fala de Tiro e dos seus estudos. *“Túlio Tiro – diz Aulo Gellio – aluno e liberto de Cícero, foi o colaborador deste nos trabalhos literários. Ele nos deixou várias obras sobre o uso e o espírito da língua latina e sobre várias outras matérias. Uma das suas obras mais apreciadas é aquela que leva o título de Pandectae, um repertório de toda espécie de ciência e conhecimento.”*

No Cap. III do Livro VII, diz Aulo Gélíio a respeito de Marco Túlio Tiro: *“Tiro autem Tullius, M. Ciceronis libertus, sane quidem fuit ingenio homo eleganti, et haud quaquam rerum litterarumque veterum indoctus.”* (M.T. Tiro, liberto de Cícero, foi certamente um homem culto e versadíssimo no conhecimento da literatura antiga.)

Em outros trechos, as citações de Aulo Gélíio, referentes a Tiro, demonstram o grau de consideração a ele dispensado. No livro XV, no Capítulo VI, Aulo Gélíio escreve: *“No segundo Livro da sua Obra “De Gloria”, Cícero comete um erro, pouco grave, mas evidente. Não é necessário, para notá-lo, ser erudito; basta ter lido o sétimo livro da Ilíada. Porém, o que me admira não é propriamente que Cícero tenha cometido esse erro, mas, sim, que esse erro não tenha sido notado e corrigido mais tarde, nem por ele, nem por Tiro, seu liberto, um homem tão diligente e tão cuidadoso das obras do seu patrão.”* (O erro consistiu em Cícero, citando um trecho da Ilíada, ter atribuído a Ajax palavras e atos que deviam ser atribuídas a Heitor.)

De modo que são inúmeros os testemunhos irrefutáveis de autorizados escritores latinos, que contribuíram para pôr em relevo e engrandecer ainda mais a figura deste inteligente liberto, Tiro, cuja obra, ainda hoje, há mais de dois mil anos de distância, causam em nós, verdadeiramente, uma notável impressão.

Marco Túlio Tiro pode ser exaltado como uma das mais nobres figuras daquela época gloriosa de Augusto.

IMPORTÂNCIA, DESENVOLVIMENTO E DECADÊNCIA DAS NOTAS TIRONIANAS

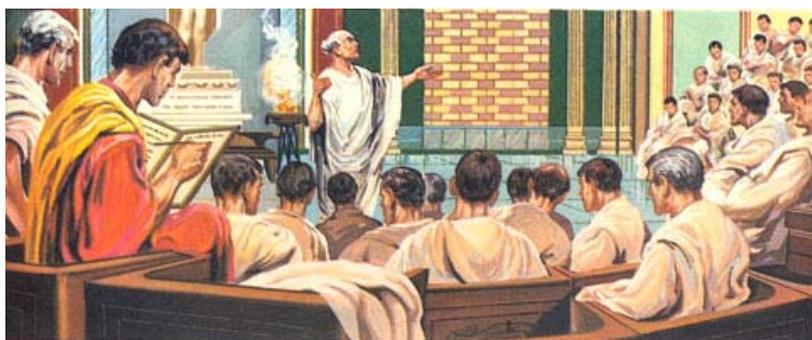
As Notas Tironianas tiveram uma grande penetração na vida pública e privada dos romanos. A sua expansão começou no último século a.C., exatamente no século em que elas foram criadas.

Não podemos esquecer que enquanto as elevadas condições político-culturais dos romanos haviam contribuído para o surgimento desta forma de escrita, foram exatamente estas mesmas determinantes condições que facilitaram e tornaram até mesmo indispensável a introdução e a difusão desta escrita na vida pública e privada dos romanos.

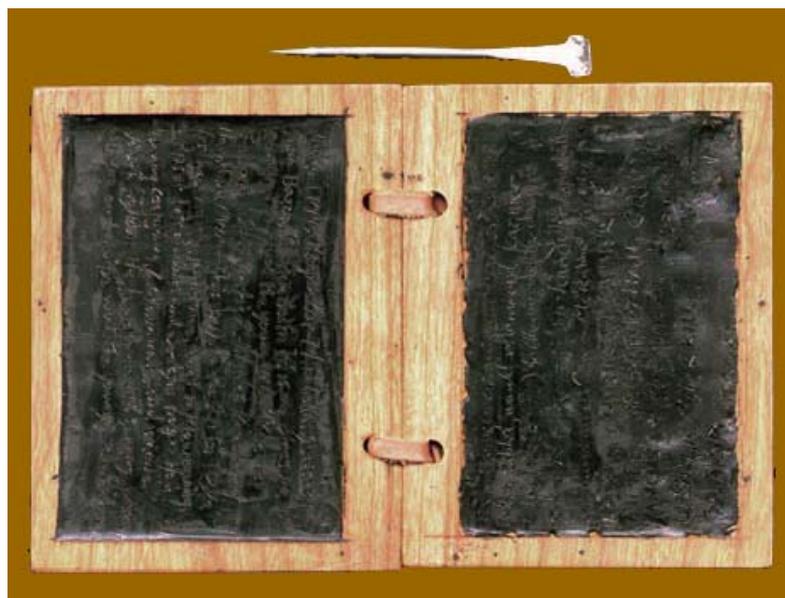
O uso das Notas foi, sem dúvida alguma, taquígráfico, no verdadeiro e próprio sentido da palavra; fato que confirma a eficiência do Sistema, tendo-se em conta que os meios de escrita de então (a grafia comum) certamente impediam a rapidez do traçado das letras, um inconveniente que precisava ser ultrapassado usando-se uma escrita abreviada mais contraída e a mais veloz possível.

De acordo com o testemunho dos primeiros escritores, podemos saber que os taquígrafos de então usavam tábuas enceradas, sobre as quais escreviam os signos, por meio de um estilete. Estas tábuas eram feitas geralmente com material resistente, como o marfim ou o tronco de faio. Uma pequena borda, de espessura maior do que a da tábua, circundava a superfície, sobre a qual era colocada a camada de cera, cera esta que era, depois, alisada. Várias tábuas podiam ser unidas entre si, com cordinhas ou tiras de pergaminho, dispostas à guisa de dobradiça, formando, desta forma, um livro com certo número de páginas, chamado *caudex* ou *codex*.

Sobre as tábuas se escrevia com o estilete, usando a parte pontuda, enquanto que a outra parte, em forma de espátula, servia para aplanar a cera, cancelando, com isso, o que estava escrito na tábua, para que a tábua pudesse ser usada novamente.



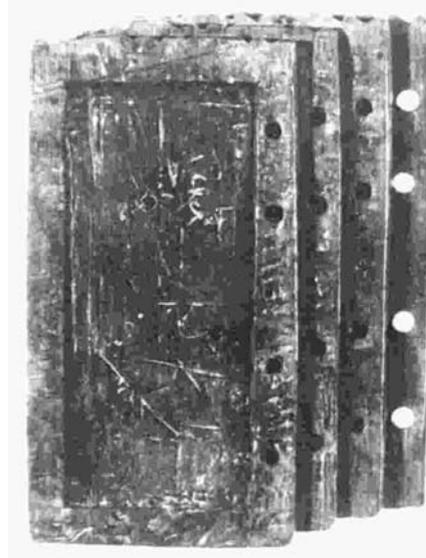
Taquígrafos, usando as Notas Tironianas, revezavam-se para taquígrafar, com uma tabuleta encerada e um estilo, os discursos e debates no Senado Romano.



Tabuleta encerada e o estilo.



Caneta e *estilos* romanos. (British Museum Department of Greek and Roman Antiquities)



Códice = Tabuletas enceradas, que eram encordoadas juntas. (Berlim – Staatsmuseen)

Os taquígrafos (ou *semiógrafos*) dividiam-se em três classes:

“**notarii**” (também chamados de “atuários” ou “cursos”), que recolhiam as palavras ditadas;

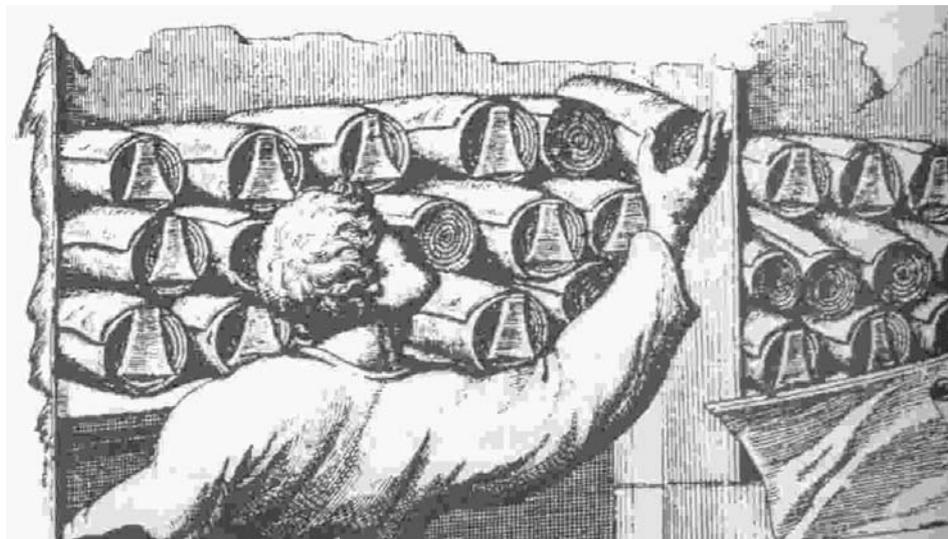
“**librarii**” (ou “amanuensi”), que transcreviam os livros e recopiavam por extenso os escritos em caracteres taquígráficos dos notários;

“**exceptores**” (ou “escreventes dos tribunais”), que anotavam todos os detalhes dos processos e as sentenças nos tribunais.

Normalmente, o registro taquígráfico era feito por mais de um taquígrafo. A eles se juntava uma fileira de escravos encarregados da troca das tabuletas, de amanuenses que transcreviam o conteúdo das tabuletas e formavam os textos, que, depois de revistos pelos oradores, eram recopiados em pergaminhos ou em papiros – e publicados. Depois da transcrição, as tabuletas eram alisadas com a outra extremidade do estilo, em forma de espátula, e novamente usadas.

Tal operação foi bem descrita por Prudêncio (348-405 d.C.): “*Cera rursus nitiscens, innovatur area.*” (A cera, de novo alisada, deixava a área como nova.)

Dela também nos fala Horácio, aludindo ao trabalho do poeta: “*Saepe stylum vertas, iterum quae digna legi sint scripturus*”. (Com frequência inverte o estilo, para escrever novamente coisas que são dignas de ser lidas.) (Sátiras, I, X, 72,73)



Método de guardar rolos na antiga Roma. As etiquetas eram penduradas nas pontas dos rolos. (Fonte: MANGUEL, Alberto – Uma História da Leitura., tradução de Pedro Maia Soares, São Paulo – Companhia das Letras, 1997., p. 152.)

A taquigrafia penetrou agudamente no mundo romano. Os escritores, os homens de negócio valeram-se desta arte para ditar aos seus secretários as próprias composições, enquanto que uma função ainda mais importante era aquela dos notários que trabalhavam nos tribunais (os “exceptores”).

Assim refere Ammiano Marcelino: “*Assistebant hinc et inde notarii, quid quesitum esset, quidque responsum, cursim ad Caesarem praeferentes.*” (Estavam presentes, de uma parte e de outra, notários, que corriam para relatar a César o que havia sido perguntado e o que havia sido respondido.)

Por isso, diz Gabelsberger (Obras, Vol. II, pág. 66): “*Entre os romanos, a arte de escrever rápido foi considerada e apreciada como uma matéria digna da maior atenção, recomendável pelas suas interessantes aplicações e utilizável de mil maneiras, tanto na vida política quanto na vida privada.*”

Outras provas da sua importância e da sua difusão nos são oferecidas pelas obras dos principais escritores da antiguidade, nas quais não é raro dissertarem sobre esta arte, elogiando-lhe os méritos e exaltando-lhe os resultados.



Marco Valério Marcial

Assim Marcial celebra em verso (Livro XIV – Epigrama nº 208):

“*Currant verba licet, manus est velocior illis:*

Nondum língua, suum dextra peregit opus.”

“Ainda que as palavras corram, a sua mão é mais ligeira ainda:

A língua ainda nem emitiu a palavra, a mão já terminou a tarefa.”

Belíssimo é o epigrama que Ausônio Décimo Magno (310 – 395), um dos últimos poetas latinos, escreveu em louvor da taquigrafia e dos taquígrafos, intitulado:

“**Ad notarium velocissime excipientem**” (A um taquígrafo muito veloz):

<p>Puer, notarum praepetum sollers minister, advola; bipatens pugillar expedi, cui multa fandi copia punctis peracta singulis ut una voce absolvitur.</p>	<p>Apressa-te, jovem e hábil taquígrafo, prepara a tabuleta, na qual, com simples sinais, escreves frases inteiras, com a mesma presteza com que outros fixam uma só palavra.</p>
<p>Evolvo libros uberes, instarque densae grandinis</p>	<p>Dito realmente depressa, pois que pronuncio tão rapidamente como</p>

<p>torrente lingua perstrepo tibi nec aures ambigunt nec occupatur pagina Et mota parce dextera volat per aequor cereum.</p> <p>Cum maxime nunc proloquor, circumloquentis ambitu, tu sensa nostri pectoris vix dicta jam ceris tenes. Sentire tam velox mihi vellem dedisset mens mea quam praepetis dextra fuga tu me loquentem praevenis. Quis, quaeso, quis me prodidit? Quis ista jam dixit tibi quae cogitabar dicere? Quae furta corde in intimo exercet ales dextera, quis ordo rerum tam novus veniat in aures ut tuas, quod lingua nondum absolverit?</p> <p>Doctrina non haec praestitit; nec ulla tam velox manus celeripedis compendii. Natura munus hoc tibi Deusque donum tradidit, quae loquerer ut scires prius idemque velles, quod volo.</p>	<p>granizo quando cai; mas nada escapa aos teus ouvidos e as tuas tabuletas nunca se enchem. A tua mão voa sutil pela superfície encerada, e mal tenho proferido longas frases, já as fixaste.</p> <p>Pois não posso eu pensar com tanta rapidez, como tu ao escreveres!</p> <p>Dize-me – já que te antecipas às minhas idéias – como me atraíças? Quem te revela o que eu medito? Quantas palavras a tua mão não furta à minha mente! Que segredos são esses? Como acontece que ainda mal a minha boca se abriu, já me percebeste? Nenhuma arte, nenhum preceito te poderiam ter dado este poder de abreviar, porque nenhuma outra mão tem a velocidade da tua.</p> <p>Foi só Deus que te deu esse dom, porque somente Ele podia permitir que saibas aquilo que vou dizer antes que eu fale, e que a tua vontade se sobreponha à minha.</p>
---	--

Uma outra prova da enorme difusão da taquigrafia em Roma prende-se ao fato de que escritores de renome se serviam dela para ditar as suas cartas e as suas obras. Assim, sabemos que as Notas eram usadas por Caio Plínio Segundo, conhecido como “Plínio, o Velho”. Esta informação foi fornecida pelo próprio sobrinho, “Plínio, o Jovem”, que, em uma carta ao seu amigo Macer, diz, falando a respeito do tio:

“In itinere, quae solus ceteris curis, huic uni vacabat. Ad latus notarius cum libro et pugillaribus, cuius manus hieme manicis manebantur, ut ne coeli quidem asperitas ullum studii tempus eriperet: qua ex causa Romae quoque sella vehabatur”.

(Em viagem, quase livre de toda preocupação, dedicava-se inteiramente ao estudo. Tinha sempre a seu lado um notário com a tabuleta e o estilo, e, no inverno, fazia-o calçar as luvas, a fim de que o rigor da estação não o afastasse nem mesmo um momento do estudo, e por esta razão também em Roma andava sempre em liteira.)

E o próprio Plínio, o Jovem, servia-se da taquigrafia em seus trabalhos. Em uma carta a Fusco (Livro IX, carta XXXVI), ele diz:

“Vós me perguntais como eu regulo o meu dia no verão, na minha propriedade da Toscana. Acordo quando posso, ordinariamente por volta da primeira hora, raramente mais tarde. Mantenho as minhas janelas fechadas, porque o silêncio e a

escuridão deixam no espírito toda a sua força, não sendo distraído por nenhum objeto externo e ficando, assim, livre e dono de si mesmo. Se tenho algum trabalho começado, dele me ocupo, preparo até as palavras, como se as escrevesse e as corrigisse. Chamo um notário, mando abrir as janelas e dito o que acabara de compor. Ele sai, chamo-o de novo, em seguida o dispenso. À quarta ou quinta hora, de acordo com o tempo, vou passear em uma rua ou em uma galeria, e continuo a compor e a ditar.”

Até mesmo os imperadores não deixaram de aprender as Notas, de exercitarem-se nelas e, alguma vez, de ensiná-las.



Augusto

Um exemplo marcante foi o de Caio Júlio César Otaviano, chamado de Imperador Augusto (63 a.C. – 14 d.C.), que elevou a taquigrafia à arte liberal e incentivou o seu estudo, fundando numerosas escolas. Conta-se que ele fundou 300 escolas de Taquigrafia.

Ele próprio, como narra Suetônio, ensinou esta arte a seus netos:

“Nepotes (suos) et literas et notare aliaque rudimenta per se plerumque docuit, ac nihil aeque laboravit, quam ut imitarentur chirographum suum”. (Ensinou em grande parte ele próprio aos seus netos a ler e a escrever em Notas e os outros rudimentos, e sobretudo se esforçou, a fim de que imitassem a sua própria escrita.)



Tito

Suetônio narra também, no capítulo 3 da sua obra “Vida de Tito Vespasiano”, como este imperador foi hábil e rápido nas Notas, a ponto de disputar com os seus secretários.

“E pluribus comperi notis quoque excipere velocissime solitum, cum amanuensibus suis per ludum jocumque certantem, imitari chirographa quaecumque vidisset.” (Várias pessoas me contaram que ele costumava taquigrafar muito

velozmente, competindo, por divertimento, com os seus amanuenses, e costumava imitar qualquer escrita que visse.)



Diocleciano

O Imperador Diocleciano, ele próprio filho de um escriba, ordenou que o pagamento dos professores de Notas Tironianas nas escolas seria de 75 *denarii* por mês por aluno.



Imperador Constantino
(Mosaico bizantino)

Temos o Imperador Constantino, ao mover a sede do Império para Constantinopla, classificando os taquígrafos imperiais como elevados funcionários da Corte, pondo-os no nível dos tribunos (na antiga Roma, magistrados encarregados de defender os direitos e interesses do povo junto ao Senado).

O escritor satírico Lúcio Apuleio, na sua obra “*Metamorphoseon Libri XI*” (Onze livros de metamorfose), mais conhecida como “O Asno de Ouro”, depois de haver narrado a graciosa fábula de “Eros e Psique”, por ele escutada em uma das suas aventuras imaginárias, conclui com palavras que demonstram quanto era generalizado o uso das Notas na antiga Roma:

“...*sed astans ego non procul dolebam mehercules, quod pugillares et stilum non habebam, qui tam bellam fabellam praenotarem*”. (Mas eu, que assistia de perto à narração da fábula, me condoía, por Hércules, de não ter comigo as tabuletas e o estilo para anotar uma fabulazinha tão graciosa.)

A TAQUIGRAFIA E A IGREJA

Nesse período, a evolução da taquigrafia estava intimamente ligada aos acontecimentos políticos e à vida privada das pessoas,. De modo que é fácil compreender como, em Roma, a infiltração de novas idéias, de novos cultos, de costumes estrangeiros, começassem a influir na decadência das Notas.

Neste ambiente, no entanto, desenvolve-se o Cristianismo, que, com seus princípios de igualdade absoluta de todos perante Deus, determinará uma das mais formidáveis revoluções que a História registra.

É interessante notar que na época de Cristo as Notas Tironianas estavam em pleno uso. Em sua obra *Griechische Paläographie* (Leipzig, 1879; reprod. 1978), o erudito Viktor Gardthausen apresenta argumentos do uso de taquígrafos por São Paulo. São Paulo teria, então, ditado, várias de suas epístolas a notários, notadamente no caso da epístola aos Colossenses, onde Tychicus atuou como notário e Onesimus como transcritor.

A taquigrafia, que se encontrava no início de um período de decadência, causado pela inexorável queda de todo o complexo orgânico e político da Roma imperial, teve, ao contrário, no Cristianismo, um novo motivo de vida.

Tornava-se necessário conservar todas as palavras daqueles que davam a vida pela nova Fé e, como disse São Basílio, porque *“as palavras têm asas, e convém servir-se de signos para deixar registrado, com a escrita, o discurso fugidio”*.

Podemos afirmar, como Giunta Salvatore (*La Stenografia e la storia della Chiesa nei primi secoli della nostra era – nel n.6 del Bollettino dell’Accademia Italiana di Stenografia, Pádua, 1932.*) que *“a história da Igreja dos primeiros séculos da nossa Era deve à taquigrafia numerosos documentos capitais para a reconstrução da vida dos cristãos naqueles tempos longínquos, mas é preciso dizer-se também que a taquigrafia deve ao nascente Cristianismo, se ela pôde conquistar tão rapidamente um tal grau de desenvolvimento de maravilhar a todos”*.

Desde o ano de 93, o Papa Clemente Iº instituiu a função de sete notários eclesiásticos, encarregados de taquigrafar os depoimentos dos Mártires da Igreja. Mas um desenvolvimento ainda maior teve lugar no terceiro século d. C., com Cecílio Cipriano, Bispo de Cartago, que adaptou as Notas Tironianas às necessidades do Cristianismo, tornando assim possível tanto a tomada das palavras dos doutos da Igreja quanto dos mais humildes, mas extraordinariamente grandes, depoimentos dos Mártires da Fé.

Entre esses, São Genésio de Arles, que exercia a arte de notário nos tribunais. A sua profissão acabou sendo a causa do seu martírio, como a sua Fé foi a sua origem. Um dia, quando estava exercendo a sua função de taquígrafo diante do tribunal do juiz instrutor, “foram lidos decretos cruéis e sacrílegos de uma nova perseguição aos cristãos, a qual o devoto de Deus, ouvindo-a, rechaçava-a, e a sua santa mão recusava-se de imprimir sobre a cera” (“*Dalla Vita di S. Genésio d’Arles*”, de S. Paolino, Bispo de Nola (5º século). Indignado, ele lançou no chão a tabuleta encerada e o estilo, mas foi, por este gesto, condenado, pelo juiz, ao martírio e à morte.